

Entre a técnica e a acessibilidade: uma introdução teórico- prática à legendagem

Between technical aspects and accessibility: a
theoretical-practical introduction to subtitling

Samira Spolidorio¹

DOI 10.52050/9786586030600.c7

Para começar

A legendagem é uma modalidade de tradução que sempre desperta muito interesse e, por vezes, até fortes emoções. O interesse se manifesta na curiosidade em saber como é o processo de legendar um filme ou uma série, presente na grande variedade de cursos, oficinas, palestras, etc. sobre o tema, que sempre têm suas vagas rapidamente esgotadas (como foi o caso da nossa oficina no VI Encontro “E Por Falar Em Tradução!”). Já as fortes emoções aparecem na acalorada discussão entre quem prefere dublagem *versus* quem gosta mais da legendagem, além das intermináveis reclamações da suposta qualidade das legendas, gerando críticas a respeito das opções de tradução, pois “não foi bem isso que a pessoa disse”.

Foi inserida nesse cenário de curiosidade e concepções prévias sobre a legendagem que a oficina virtual de Introdução à Legendagem

1 Doutoranda em Linguística Aplicada no Instituto de Estudos da Linguagem IEL/Unicamp.
Email: samira.spolidorio@gmail.com

ocorreu no dia 08 de dezembro de 2020, das 14h às 16h, via Google Meet. Ministrada por Samira Spolidorio, a oficina contou com a mediação e apoio de Giulia Mendes Gambassi e Maria Vitória de Rezende Grisi e interpretação para Libras de Diego Maurício Barbosa e Sofia Oliveira Pereira dos Anjos Coimbra da Silva.

Uma vez que muito da oficina se baseia na parte técnica do uso do *software* de legendagem, enviamos, com uma semana de antecedência, as instruções específicas para o *download* e instalação do *software* escolhido, o Subtitle Edit². Juntamente com essas instruções, enviamos também uma apostila da oficina para que as pessoas interessadas pudessem adiantar a leitura de alguns pontos mais teóricos e se familiarizar com o conteúdo.

Neste capítulo, nosso objetivo é apresentar as principais etapas da oficina e discutir alguns dos resultados obtidos: a) os fundamentos teóricos básicos necessários para a compreensão da legendagem enquanto modalidade da tradução audiovisual; b) o passo a passo realizado com as participantes da oficina para criar os arquivos de legenda de um vídeo de 30 segundos; c) a discussão de alguns exemplos dos principais desafios encontrados na oficina.

Tradução Audiovisual e suas modalidades

Como mencionado acima, juntamente com as instruções para o *download* e instalação do *software*, também enviamos a apostila a ser seguida durante a oficina. A apostila conta com 64 *slides* no total, sendo 21 deles dedicados à apresentação de alguns conceitos e exemplos básicos sobre a legendagem. Para a otimização do tempo disponível e para que a oficina tivesse um caráter mais prático, lançamos mão da metodologia da sala de aula invertida (SCHNEIDER et al., 2013),

2 Software livre e gratuito, disponível em <https://github.com/SubtitleEdit/subtitleedit/releases/tag/3.5.18>

pedindo que estudantes completassem as tarefas de leitura prévia dos componentes teóricos mais introdutórios e expositivos e então trouxessem suas dúvidas para serem discutidas nos primeiros 20 minutos da oficina.

A saber, nesses 21 primeiros *slides*, buscamos desconstruir algumas concepções prévias sobre a legendagem e tradução audiovisual e comentar alguns conceitos principais da área. Começamos destacando que a Tradução Audiovisual (TAV) é um dos campos mais frutíferos dos Estudos da Tradução (ET) na atualidade:

É óbvio que a TAV já percorreu um longo caminho desde que começou a receber atenção na academia na metade da década de 90. É também reconhecida como um dos ramos dos Estudos da Tradução mais promissores, uma vez que envolve saberes de várias disciplinas que vão desde a neurociência até a engenharia, e da psicologia até a sociologia e a estética, por exemplo³. (DÍAZ-CINTAS & NEVES, 2015, p. 2).

Essa interdisciplinaridade dos estudos da TAV é extremamente necessária, uma vez que “novos formatos de mídia nos forçam a reformular algumas questões e redefinir alguns conceitos que por muito tempo foram considerados como absolutos. Entre eles, as noções de ‘texto’ e de ‘sentido’” (GAMBIER, 2001 p. 16). Ressaltamos também que, embora a TAV venha recebendo muita atenção das pesquisas acadêmicas nas últimas duas décadas, na verdade, como área de atuação a TAV é bem mais antiga. Segundo Romero-Fresco ([2013] 2018),

[a]té mesmo antes do surgimento do som no cinema, os filmes mudos necessitavam da tradução dos intertítulos usados pelos

3 Tradução nossa do original em inglês: “it is clear that AVT has come a very long way since it started gaining academic acknowledgement in the mid-1990s. It is also known that this thriving domain of translation studies has called for knowledge from a number of disciplines that span from neuroscience to engineering and from psychology to sociology or to aesthetics, to name but a few.”

cinastas para transmitir os diálogos e narração (...). Na maioria das vezes, os estúdios não terceirizavam essas traduções, que eram feitas no próprio estúdio, como parte do processo de pós-produção do filme. (ROMERO-FRESCO, [2013] 2018, p. 55-56).

Começar a oficina chamando atenção para esse ponto tinha como objetivo mostrar a intrínseca ligação da TAV com a acessibilidade, uma vez que, desde o nascimento do cinema como meio, essa modalidade de tradução audiovisual já estava lá, possibilitando que pessoas falantes de vários idiomas pudessem apreciar os filmes traduzidos. Hoje em dia, além da acessibilidade linguística, temos também um grande foco na acessibilidade de pessoas com deficiência (em especial com relação às deficiências auditivas e visuais).

Partindo desse gancho da tradução audiovisual com a acessibilidade, aproveitamos a oportunidade para expandir as modalidades de TAV para além das já famosas dublagem e legendagem. Assim, apresentamos as definições teóricas das classificações das diferentes modalidades de TAV inicialmente propostas por Díaz-Cintas e Remael-Routledge (2007), traduzidas para o português e ampliadas por Franco e Araújo (2011), sempre trazendo links com exemplos reais retirados do YouTube⁴.

A saber, as modalidades orais são: dublagem, narração, *voice-over* e audiodescrição; e as modalidades escritas: intertítulos do cinema mudo, legendagem aberta, legenda fechada ou *closed caption*, legenda descritiva ou legenda para surdos e ensurdecidos, legendagem eletrônica ou supra-legendagem e *fansubbing* (legendas amadoras feitas por fãs).

Assim, usamos os primeiros 20 minutos da oficina para que as participantes da oficina pudessem tirar suas dúvidas e fazer comentários sobre a etapa de autoestudo prévio dos 21 *slides* iniciais

4 A apostila completa com os exemplos (slides 7 a 20) pode ser consultada em: <https://drive.google.com/file/d/1boldf2ZjP9P32Ojyf1jjcVWgHUTFae7R/view?usp=sharing>

da apostila, que incluíam as definições e exemplos acima. Além de otimizar o tempo da oficina, dar a oportunidade para participantes começarem a oficina de forma mais ativa (fazendo perguntas e comentários) ajudou a incentivar a participação, evitando que a oficina tivesse um caráter meramente expositivo por parte da ministrante.

Um dos resultados que ficamos felizes em reportar aqui é o engajamento nessa etapa de comentários iniciais feitos no *chat* da oficina, em que várias pessoas disseram não saber que existiam tantas modalidades diferentes e que os exemplos específicos ajudaram na identificação. Em especial, houve surpresa em relação à informação de que a dublagem na televisão aberta é obrigatória no Brasil devido à Lei 4.117/62, que visava garantir acessibilidade ao conteúdo audiovisual do alto número de pessoas analfabetas existentes no país na década de 1960, quando foi implementada pelo então presidente da república Jânio Quadros (NAVES et al., 2016).

Com isso, consideramos que o uso da metodologia da sala de aula invertida foi apropriado, pois ajudou a promover interação nesse momento inicial da oficina e otimizou o tempo gasto com aspectos mais expositivos do conteúdo. Como resultado, houve mais tempo para a segunda etapa, que foi a apresentação da legendagem em mais detalhes e a prática da criação de legendas em si.

Aspectos técnicos e linguísticos da Legendagem

Apesar de já termos mostrado a legendagem no material introdutório de autoestudo, começamos a segunda parte da oficina com mais uma definição de legendagem:

a prática de tradução que consiste em apresentar um texto escrito, geralmente na parte de baixo da tela, que busca recontar não só o diálogo original dos falantes em cena, mas também os elementos discursivos que aparecem na imagem (cartas,

letreiros, grafitti, frases, placas etc.)⁵ (DÍAZ-CINTAS; REMAEL-ROUTLEDGE, 2007 p. 8)

Depois de destacar a intermodalidade da legendagem (passar do oral para o escrito) presente nessa definição, trouxemos também seus aspectos linguísticos, monolíngue (no mesmo idioma do áudio) ou bilingue (em idioma diferente do áudio); aspectos técnicos de tempo de preparação, uma vez que algumas modalidades têm preparação prévia e outras são produzidas em tempo real; e os formatos de distribuição (cinema, televisão, vídeos em geral em CD-Roms, DVDs e Blu Rays, sites da internet, streaming, redes sociais, etc.).

Ao passar para os parâmetros técnicos que precisam ser respeitados na legendagem, indicamos como material de consulta futura alguns documentos pioneiros no estabelecimento das regras da legendagem comercial como conhecemos hoje. Em primeiro lugar, o “Code of Good Subtitling Practice” (CARROLL & IVARSSON, 1998), que, apesar de utópico em alguns trechos no que se refere à situação ideal para a legendagem em relação a prazos, entregas e documentos de apoio como roteiro e glossários, é a base dos parâmetros técnicos de número de linhas, comprimento, espaçamento entre legendas, tempo de exibição e estratégias de condensação e simplificação linguística.

No mesmo ano, um outro documento seminal para os estudos da legendagem foi “A Proposed Set of Subtitling Standards” (KARAMITROGLOU, 1998), que trouxe uma expansão dos parâmetros de Carroll e Ivarsson (1998) e dedicou maior atenção à apresentação de várias estratégias de tradução (segmentação, quebra de linhas, uso de pontuação e técnicas para facilitar a leitura e compreensão) para

5 Tradução nossa do original em inglês: “Subtitling may be defined as a translation practice that consists of presenting a written text, generally on the lower part of the screen, that endeavours to recount the original dialogue of the speakers, as well as the discursive elements that appear in the image (letters, inserts, graffiti, inscriptions, placards, and the like)”.

adequar o conteúdo das legendas às limitações de tempo e espaço determinados.

Uma vez que a oficina não exigia proficiência em língua inglesa e que, devido aos avanços na acessibilidade audiovisual, a legendagem monolíngue (áudio em português com legendas também em português) é um serviço bastante requisitado no mercado de trabalho da tradução audiovisual atual, foram exibidos também dois documentos com parâmetros nacionais. Dentre eles, a dissertação de mestrado de Eliane Alves Trindade Nunes intitulada “A legendagem da televisão por assinatura do Brasil” (2012), em que a autora comparou os parâmetros apresentados por Díaz-Cintas, Gotlieb, Carroll e Ivarsson, Karamitroglou e outros teóricos com o que as empresas de legendagem do Brasil exigiam, baseando a comparação nos manuais de legendagem de várias empresas brasileiras.

O outro documento de especial destaque foi o “Guia para produções audiovisuais acessíveis” (NAVES et al., 2016), que é primeiro guia oficial sobre produção audiovisual do Brasil, elaborado por pesquisadoras renomadas da área e lançado pela Secretaria de Audiovisual do Ministério da Cultura do governo da então presidenta Dilma Rousseff. O Guia trata em detalhes de aspectos tanto acadêmicos quanto do mercado de trabalho não só da Legendagem, mas também da Legendagem para Surdos e Ensurdidos, da Audiodescrição e da Janela de Libras.

Dentre as variações possíveis dos vários documentos acima, para os fins da oficina, determinamos como parâmetros técnicos a serem seguidos: máximo de 2 linhas por legenda; máximo de 40 caracteres por linha de comprimento; máximo de 25 caracteres por segundo de velocidade de leitura; tempo de exibição entre 1 e 7 segundos em tela.

Depois de estabelecidos os parâmetros técnicos, passamos para os parâmetros linguísticos que ajudam a otimizar a leitura e a compreensão: a segmentação e quebra de linha das legendas. Essas estratégias são consideradas “o pulo do gato” entre profissionais da

legendagem, uma vez que iniciantes não costumam se atentar para esses detalhes, enquanto profissionais mais experientes já têm essas técnicas internalizadas em suas práticas.

Começamos com as recomendações para segmentação e quebra de linha do guia de estilo mais famoso atualmente: o da Netflix ([2016] 2021):

O texto deve ser mantido em uma linha, a menos que exceda a limitação de caracteres. Siga estes princípios básicos quando o texto tiver que ser dividido em 2 linhas:

- A linha deve ser quebrada: após os sinais de pontuação; antes das conjunções; antes das preposições.

- A quebra de linha não deve separar: um substantivo de um artigo; um substantivo de um adjetivo; um nome de um sobrenome; um verbo de um pronome reto; um verbo transitivo indireto de sua preposição; os verbos de uma locução verbal, o verbo de um pronome reflexivo ou uma partícula de negação⁶.

Para exemplificar melhor essas regras, discutimos durante a oficina dois quadros bastante ilustrativos de Naves et al. (2016)⁷, um deles explicando problemas de segmentação e quebra de linha em relação a sintagmas nominais e outro em relação a problemas com sintagmas verbais. Nos dois quadros, além da explicação do tipo de problema e de um exemplo do problema, também é oferecida uma solução, o que ajuda muito na compreensão das regras elencadas.

6 Tradução nossa do original em inglês: Text should usually be kept to one line, unless it exceeds the character limitation. Follow these basic principles when the text has to be broken into 2 lines. The line should be broken: after punctuation marks; before conjunctions; before prepositions. The line break should not separate: a noun from an article; a noun from an adjective; a first name from a last name; a verb from a subject pronoun; a prepositional verb from its preposition; a verb from an auxiliary, reflexive pronoun or negation.

7 Disponíveis nos slides 36 a 38 da apostila.

Figura 1 – Quadros com exemplos de problemas de segmentação e quebra de linha de sintagmas nominais (à esquerda) e sintagmas verbais (à direita)

LEGENDAS COM PROBLEMAS / LEGENDAS RESSEGMENTADAS	LEGENDAS COM PROBLEMAS / LEGENDAS RESSEGMENTADAS
<p>Ex. 1</p> <p>CHEGA DE ESCONDER O NOSSO NAMORO, LAÍS. A VIDA É AGORA!</p> <p>CHEGA DE ESCONDER O NOSSO NAMORO, LAÍS. A VIDA É AGORA!</p>	<p>Ex. 5</p> <p>EU NÃO QUERIA TRAZER PROBLEMA PRA VOCÊS</p> <p>EU NÃO QUERIA TRAZER PROBLEMA PRA VOCÊS</p>
<p>Ex. 2</p> <p>[TUFÃO] É, SÓ QUE O PREPARO FÍSICO TÁ RUIM.</p> <p>[TUFÃO] É, SÓ QUE O PREPARO FÍSICO TÁ RUIM.</p>	<p>Ex. 6</p> <p>[JORGE] ELES NÃO PODEM FAZER ISSO.</p> <p>[JORGE] ELES NÃO PODEM FAZER ISSO.</p>

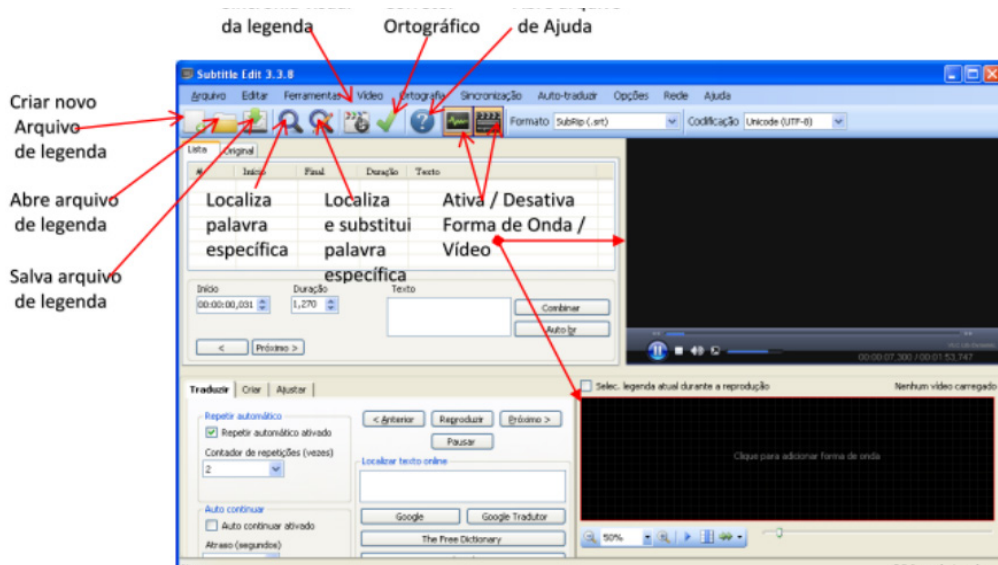
Fonte: Naves et al. (2016, p. 53 e p. 55).

Apesar de não terem sido incluídos nos *slides* da apostila por questões de limitação de tempo, foi ressaltado durante a oficina que o material organizado por Naves et al. (2016) ainda traz mais dois quadros igualmente didáticos: um com exemplos de problemas de segmentação de sintagmas preposicionais, adjetivais e adverbiais e outro sobre os problemas de segmentação de orações coordenadas e subordinadas, além de regras de pontuação e outras regras gerais para a prática profissional da legendagem. Assim, fica registrada também aqui nossa recomendação de que o material todo do Guia seja estudado e suas regras internalizadas. Como os objetivos da oficina não eram tratar de estratégias de tradução propriamente ditas, já que esse seria o tema de outra oficina do evento, depois de apresentar os parâmetros técnicos e alguns dos aspectos linguísticos mais relevantes da legendagem, partimos para o passo a passo do uso do *software* de legendagem Subtitle Edit.

Prática de Legendagem

Considerando a instalação prévia do *software* Subtitle Edit, começamos a parte prática explicando como ativar as principais funcionalidades da ferramenta, como trocar o idioma, ativar a janela do vídeo e a forma da onda de áudio, além dos comandos mais básicos como “criar novo arquivo”, “abrir”, “salvar” etc.

Figura 2 – Explicação inicial da interface do Subtitle Edit



Fonte: Azevedo (2015).

Depois dessa familiarização inicial com a interface, passamos à definição dos primeiros ajustes técnicos, fazendo junto com as pessoas participantes da oficina o caminho Opções > Ajustes para definir: o comprimento das linhas (42); a velocidade máxima de leitura (25); o tempo mínimo e máximo de exibição, em milissegundos (1000 e 6000); e o padrão de codificação da legenda para que os caracteres

especiais da língua portuguesa, como o cedilha, o til, os acentos agudo e circunflexo e a crase, sejam reconhecidos pelo software (4).

Apesar de ser possível trabalhar só com o posicionamento e cliques do *mouse*, a agilidade proporcionada pelos atalhos de teclado é fundamental para a prática profissional da legendagem. Assim, indicamos também como estabelecer as teclas F9 como atalho para inserir uma nova legenda, F11 para marcar o tempo de início da legenda e o F12 para marcar o tempo de término da legenda, seguindo o caminho Opções > Ajustes > Criar > Inserir legenda na posição do vídeo (F9); Ajuste de tempo inicial (F11); e Ajuste de tempo final (12).

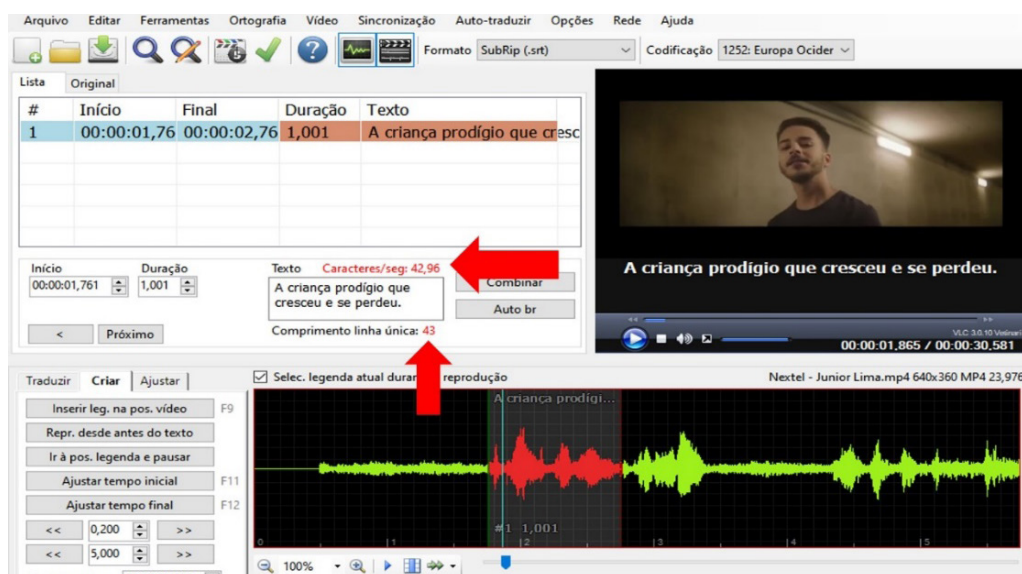
Vale lembrar que esses atalhos são apenas sugestões da ministrante da oficina, com base no posicionamento dos dedos no teclado que melhor funcionam em sua prática profissional. Outras teclas e atalhos podem ser definidos de acordo com as preferências de cada estudante ou profissional.

Com cerca de 40 minutos decorridos da oficina, finalmente começamos a parte prática da legendagem, em que as pessoas participando poderiam tentar seguir as instruções dadas até o momento de tirar dúvidas. Foram selecionados dois vídeos publicitários da operadora de telefonia Nextel, cada um com 30 segundos de duração. A escolha desses vídeos em particular foi pautada na curta duração total do vídeo, nas longas pausas entre as cenas e na clareza da fala, elementos que facilitam um primeiro contato com a prática da legendagem, possibilitando um foco específico na utilização do *software* ao eliminar as barreiras linguísticas da tradução e/ou de restrição de tempo e espaço.

Ao fazer o passo a passo para carregar o vídeo no *software*, ativar a forma da onda de áudio e iniciar a criação de legendas, esses passos foram reiniciados e refeitos algumas vezes para que as pessoas acompanhando a oficina pudessem reproduzi-los em seus softwares em casa. Chamamos a atenção aqui para o modo como o *software* nos

ajuda a seguir os parâmetros técnicos definidos, em especial pelo uso da cor vermelha para indicar um problema com a legenda atual.

Figura 2 – Captura de tela da primeira legenda criada, com problemas



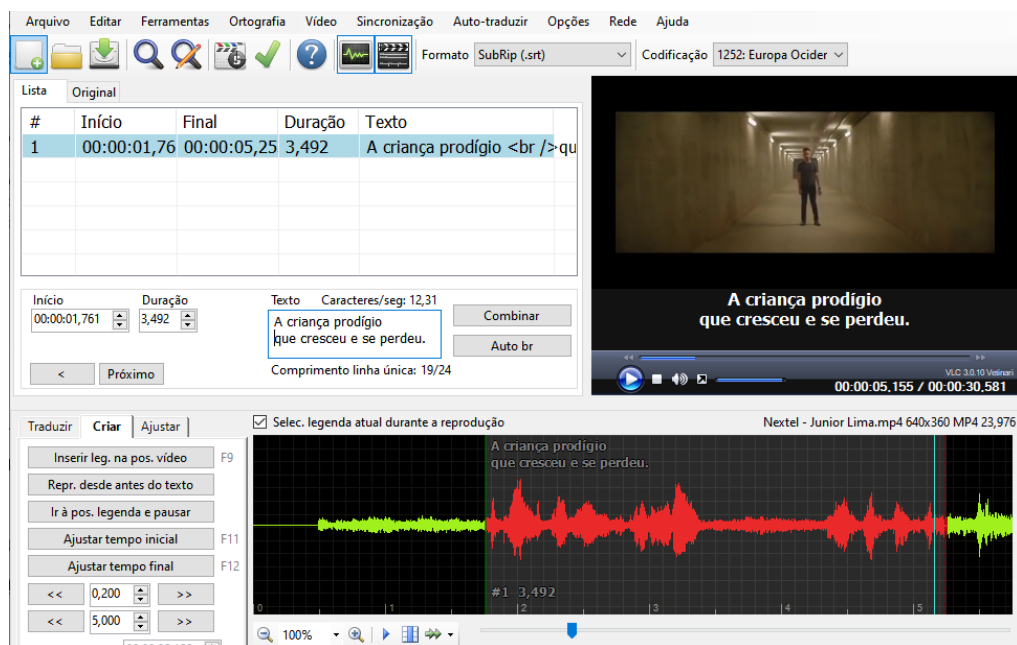
Fonte: a autora.

Ao questionar quais problemas estavam ocorrendo nesse momento, rapidamente foram identificados os dois principais aspectos a serem corrigidos: o número máximo de 40 caracteres por linha havia sido ultrapassado (estando com 43) e a legenda não atendia aos parâmetros de velocidade máxima de leitura de 25 caracteres por segundo (estando com 42,96).

Para solucionar tais problemas, primeiro a legenda teve seu tempo final ajustado para sincronizar com o final da frase falada pela pessoa no vídeo próximo à marca de 5 segundos (deixando o tempo total da legenda em cerca de 3,4 segundos) e assim diminuindo a velocidade de leitura para cerca de 12 caracteres por segundo (bem abaixo do limite de 25); em seguida, a linha de 43 caracteres foi dividida em

duas, com a quebra sendo posicionada depois do sintagma “a criança prodígio”, deixando “que cresceu e se perdeu.” na segunda linha.

Figura 3 – Captura de tela da primeira legenda, sem problemas



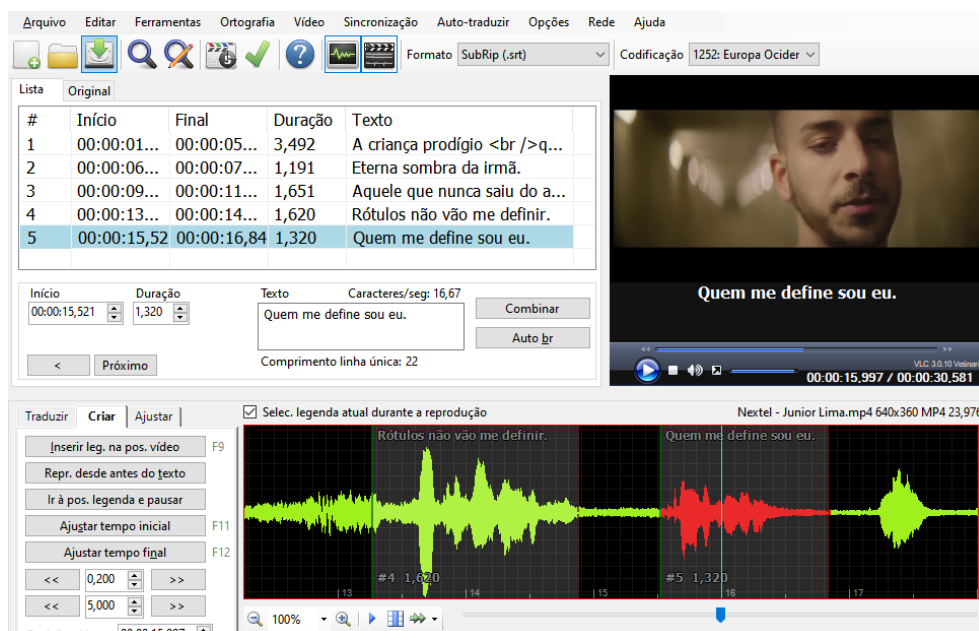
Fonte: a autora.

Para a quebra de linha, segundo as regras apresentadas anteriormente durante a oficina, também foi sugerida a divisão “a criança prodígio que cresceu” / “e se perdeu.” para separar as linhas antes de uma conjunção, conforme o indicado. As duas opções são possíveis e corretas. A fim de testar a compreensão das regras de segmentação, outras possibilidades foram sugeridas pela ministrante para que fossem corrigidas: “a criança prodígio que cresceu e se” / “perdeu.” (separa um pronome reflexivo “se” do verbo “perdeu”) e “a criança” / “prodígio que cresceu e se perdeu” (separa o sintagma nominal composto de substantivo “criança” e adjetivo “prodígio”).

Devido a alguns problemas técnicos com os softwares de algumas pessoas (que precisaram ser reiniciados e reinstalados), esse passo foi repetido cerca de 3 vezes para que todas as pessoas pudessem chegar ao mesmo ponto antes de passarmos para o próximo. Depois desse pequeno atraso inicial, as próximas 3 legendas eram compostas de frases curtas e facilmente identificáveis e sincronizáveis; então não houve mais dúvidas nem necessidade de repetirmos os passos até chegarmos à marca dos 15 segundos em que duas opções de segmentação eram possíveis.

Dentro das possibilidades, temos a opção de manter as duas orações curtas numa mesma legenda: “Rótulos não me definem, / quem me define sou eu.” Ou então separar as duas orações, cada uma em uma legenda diferente para respeitar a pausa retórica entre elas feita no vídeo.

Figura 4 – Legenda 4 e 5 separadas, segundo a preferência das pessoas participantes da oficina



Fonte: a autora.

A legenda seguinte também gerou debate ao considerar que o falante diz especificamente “Isso **tá** nas minhas mãos.”, usando a forma coloquial “tá” em vez da forma padrão do verbo, “está”. Dedicamos alguns minutos a discutir em que situações deveríamos “corrigir” esse “tá” para “está” e em quais ocasiões a marcação específica dessa escolha seria necessária.

Foi interessante acompanhar a discussão entre as participantes que chegaram à conclusão de que, considerando o tipo de vídeo (publicitário, ainda que informal) e o público-alvo (pessoas interessadas em trocar seus celulares e fazer planos de telefonia), a melhor solução seria escrever de acordo com a norma culta e apagar essa marca da oralidade. Contudo, também foi ponderado que, em um outro caso em que o sotaque ou dialeto fossem um aspecto relevante do vídeo, isso poderia sim ser destacado na legenda.

Ao final do vídeo, temos uma narração que, como uma participante lembrou corretamente com base em sua experiência como usuária, deve ser indicada com itálico. Para isso, bastou adicionar os comandos `<i>` no início da frase e `</i>` ao final ou então selecionar a frase toda e apertar `Ctrl+i`, que é o mesmo comando para itálico dos produtos da Microsoft Office (Word, PowerPoint, Excel, etc.).

Na sequência, mais duas legendas curtas foram criadas sem maiores problemas ou dúvidas. Por fim, depois da narração havia mensagens escritas na tela que não estavam no áudio e isso também levou a algumas perguntas sobre como proceder. Outra participante, também com base em sua experiência como usuária, lembrou-se de que palavras escritas na tela que não são ditas no áudio geralmente aparecem em letras maiúsculas; contudo, foi lembrado também que isso é mais relevante para casos de legendas bilíngues, em que o texto na tela está em uma língua e a legenda está em outra, e que faria pouco sentido repetir na legenda em português a mesma informação que já estava escrita na tela também em português.

A legendagem completa do primeiro vídeo de 30 segundos levou cerca de 33 minutos (começando perto dos 40 minutos e seguindo até 1 hora e 13 minutos), terminando com os comandos de como salvar a legenda no formato srt pela opção “Salvar como” e selecionar o formato SubRip (.srt). Depois de finalizada a atividade prática de criação de legenda, abrimos para perguntas específicas do processo de legendagem e também outras perguntas sobre o mercado de trabalho com a legendagem.

Uma das perguntas que surgiram foi em relação ao uso de ferramentas de apoio à tradução (as famosas CAT tools, como Trados, MemoQ e Smartcat) para legendagem, pois uma das participantes era tradutora profissional e usava essas ferramentas no seu dia a dia. Apesar de saber que, a partir da versão 2019 do Trados Studio, é possível traduzir os arquivos de legenda usando o software e todas as suas funcionalidades (glossário, memórias, etc.), ninguém da oficina, incluindo a ministrante, tinha experiência com esse tipo de trabalho.

Outro ponto questionado por uma participante foi como editar tamanho, cor e fonte das legendas. Embora alguns *softwares* de legendagem, como o Aegisub⁸, possam desempenhar essa função de edição, em geral, as preferências de tamanho, fonte e cor são determinadas no *software* que vai reproduzir o vídeo e a legenda, como o Media Play Classic ou o VLC. Para ilustrar esse ponto, fizemos uma breve demonstração de como alterar a cor e o tamanho da fonte da legenda nesses dois *softwares* de reprodução de vídeo, sem qualquer necessidade de alterar o arquivo de legenda criado anteriormente.

Por fim, os últimos 25 minutos de oficina foram dedicados a perguntas mais amplas das participantes sobre estratégias de tradução, mercado de trabalho, prospecção de clientes, precificação do trabalho, diferentes *softwares* e seus usos, diferentes serviços dentro da área da legendagem, etc., em que não só a ministrante,

8 Também software livre e gratuito, disponível em <https://aegisub.br.uptodown.com/windows>.

mas também outras participantes contribuíram para as respostas, tornando um momento muito rico e dinâmico da oficina.

Finalizando

Essa oficina e todo o material disponibilizado nela é o resultado acumulado de muitos anos tanto de prática profissional de legendagem quanto de ensino de tradução em cursos de graduação, cursos livres e outras oficinas. É sempre um prazer enorme compartilhar esse conhecimento sobre um tópico que é uma parte tão integral da minha vida profissional e acadêmica.

Como exposto na primeira parte deste capítulo, cada vez mais a área de estudos da TAV cresce e se diversifica, precisando de novas pessoas interessadas para dar sequência às pesquisas e investigações sobre aspectos que sejam menos técnicos, por exemplo, em relação a restrições de tempo e espaço, e mais interdisciplinares, como as relações sociais, políticas e intersemióticas das várias modalidades de TAV.

Da mesma forma, o mercado de trabalho da TAV, também em franca expansão, precisa de profissionais com boa formação e que entendam a relevante posição da TAV para a acessibilidade na vida das pessoas.

Esperamos que essa oficina tenha contribuído para os passos iniciais de pessoas interessadas na legendagem, seja para a área acadêmica ou para a área profissional, ou, preferencialmente, em ambas as áreas.

Referências

AZEVEDO, M. (2015). *Oficina de Legendagem – Iniciante*. Tradumedia.

CARROLL, M; IVARSSON, J. (1998). *Code of Good Subtitling Practice*. Simrishamn: TransEdit. Disponível em: <https://www.esist.org/wp-content/uploads/2016/06/Code-of-Good-Subtitling-Practice.PDF.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

DÍAZ-CINTAS, J.; REMAEL-ROUTLEDGE, A. (2007). *Audiovisual Translation, Subtitling: Translation Practices Explained*. Nova York: Routledge.

DÍAZ-CINTAS, J.; NEVES, J. (2015). Taking Stock of Audiovisual Translation. In: Díaz-Cintas, J.; Neves, J. (org.). *Audiovisual Translation: Taking Stock*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/314280205_Taking_Stock_of_Audiovisual_Translation Acesso em: 20 nov. 2020.

FRANCO, E.C.P.; ARAUJO, V. S. (2011). Questões terminológico-conceituais no campo da tradução audiovisual. *Tradução em Revista*. n. 11. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18884/18884.PDFXXvmi>. Acesso em 20 nov. 2020.

GAMBIER, Y. (2001). *(Multi) Media Translation: concepts, practices and research*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

EQUIPE DIVERSA. (2020). Teatro acessível promove diversidade e representatividade nos palcos. *Blog Diversa*, 19 set. 2020. Disponível em <https://diversa.org.br/teatro-acessivel-diversidade-representatividade/> Acesso em: 20 nov. 2020.

KARAMITROGLOU, F. (1998). A proposed set of subtitling standards in Europe. *Translation Journal*, n. 2 v. 2. Disponível em: http://www.sub2learn.ie/downloads/karamitroglou_fotiosa_proposed_set_of_subtitling_standards_in_europe.pdf. Acesso em 20 nov. 2020.

NAVES, S.B.; MAUCH, C.; ALVES, S.F.; ARAÚJO, V.L.S. (Org.). (2016). *Guia Para Produções Audiovisuais Acessíveis*. Brasília: Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura.

NETFLIX (2016). *Timed Text Style Guide*. Netflix, 2020. Disponível em <https://partnerhelp.netflixstudios.com/hc/en-us/articles/215758617>. Acesso em: 20 nov. 2020.

ROMERO-FRESCO, P. (2013). Produção cinematográfica acessível: ‘Ligando os pontos’ entre tradução audiovisual, acessibilidade e cinema. Tradução de Marcella Wiffler Stefanini e Samira Spolidorio. In: Lima, E. (org.) *Diversas Faces da Tradução na Contemporaneidade*. Campinas: Pontes, 2018.

SCHNEIDER, E.I.; SUHR, I.R.F.; ROLON, V.E.K.; ALMEIDA, C.M. de. (2013). Sala de Aula Invertida em EAD: uma proposta de Blended Learning. *Revista Intersaberes*, v. 8, n. 16, p. 68-81. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/499> Acesso em: 20 nov. 2020.